

Aspecto socioemocional e os reflexos da pandemia do Covid-19 em estudantes da 3ª série do ensino médio

Socioemotional aspect and the reflections of the Covid-19 pandemic in students of the 3rd series of high school.

Mariana Consulmagno Fávero¹
Luiz Franciscos Alves Fazza²
Douglas Rodolfo Papale³
Caroline Medeiros Martins de Almeida⁴

Resumo

As escolas no Brasil foram desafiadas a implementar soluções que desenvolvam as competências e habilidades necessárias aos estudantes, criando uma base de adaptação rápida, sistematizada e com o desabrochar para uma nova visão de organização. O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos ocasionados pela pandemia do COVID-19 nas aprendizagens e no desenvolvimento da competência socioemocional dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio em decorrência do isolamento social e as mudanças e adaptações do ano letivo para um modelo híbrido e multimodal. Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa. Está descrito a partir da ótica docente, do professor de Biologia e da Orientadora de Aprendizagem da Unidade III referente a observações nas cinco turmas da 3ª série do Ensino Médio. A agilidade da escola, da equipe gestora e dos professores frente a pandemia está permitindo que os estudantes concluam seu período escolar. As avaliações para compreender as competências socioemocionais estão sendo importantes para orientar a equipe pedagógica e os professores, fortalecendo assim o avanço formativo dos estudantes, identificando suas fraquezas e ajustando os problemas detectados.

Palavras-chaves: Socioemocional; Pandemia; Ensino Médio; Aprendizagem.

Abstract

Schools in Brazil were challenged to implement solutions that develop the competencies and skills needed by students, creating a base for rapid, systematic adaptation and the development of a new organizational vision. This article aims to analyze the impacts caused by the pandemic of COVID-19 on the learning and development of socioemotional competence of students in the 3rd grade of High School due to social isolation and the changes and adaptations of the school year to a hybrid model and multimodal. It is an experience report, with a qualitative approach. It is described from the teaching point of view, the Biology teacher and the Unit III Learning Advisor regarding observations in the five classes of the 3rd grade of

¹ Mestranda em Gestão Educacional na Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos). E-mail: mariana.favero@coljes.com.br.

² Mestrando em Gestão Educacional na Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos). E-mail: luiz.fazza@coljes.com.br.

³ Mestrando em Gestão Educacional na Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos). E-mail: douglas@etefmc.com.br.

⁴ Pós-Doutora (PNPD) em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (Ulbra). Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), com período sanduíche pelo PDSE/CAPES na Universidade do Porto (UP/Portugal). Professora-pesquisadora do PPG em Gestão Educacional da Unisinos. Participa do setor de Formação Docente no Núcleo de Inovação, Avaliação e Formação (NIAF/Unisinos) E-mail: carolinemalmeida@unisinos.br.

High School. The agility of the school, the management team and teachers facing the pandemic is allowing students to complete their school period. Assessments to understand socio-emotional competences are being an important matrix to guide the pedagogical team and teachers, thus strengthening the students' training progress, identifying their weaknesses and adjusting the detected problems.

Keywords: Socioemotional; Pandemic; High School; Learning.

1. Introdução

Hoje com a pandemia do Covid-19 e a necessidade do isolamento social, podemos dizer que um dos setores que mais sofreu transformações foi o da educação que passou a vivenciar constantes adaptações. Costin (2020) afirma que o Brasil vive uma crise de aprendizagem e, isso, num período em que vivemos a chamada 4ª Revolução Industrial, marcada por uma automação acelerada e pelos avanços da Inteligência Artificial (IA)

As escolas no Brasil estão sendo desafiadas desde a chegada da pandemia a implantar soluções que desenvolvam as competências e habilidades necessárias aos estudantes. Com diversas ações colaborativas, criando uma base para ativar nos alunos, professores e gestores a criatividade, o desenvolvimento cultural, a adaptação rápida, sistematizado o desabrochar para uma nova visão de organização.

De acordo com Costin (2020) quando as aulas retornarem, será possível entender melhor os impactos da Covid-19 na educação. Os sofrimentos causados as diversas famílias, tanto no aspecto das perdas familiares, emocionais e financeiras, quanto nos avanços das lições aprendidas na escola que ficarão para reestruturação de ambientes, currículos e práticas pedagógicas. Os professores transmissores dos conteúdos, mesmo que simplesmente por um simples envio de textos para casa ou pelo avanço das aulas remotas assistidas, deixarão suas marcas.

A capacidade de aprender além dos muros da escola, envolveram as famílias, e juntamente com a necessidade da implantação de cidades inteligentes, fizeram com que toda uma estrutura organizacional passasse por transformações e investimentos em empresas de acesso à internet, bem como em profissionais mais engajados e preparados para lidar com a crise.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar os impactos ocasionados pela pandemia do Covid-19 nas aprendizagens e no desenvolvimento da competência socioemocional dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio em

decorrência do isolamento social e as mudanças e adaptações do ano letivo para um modelo híbrido e multimodal. Entender como esses estudantes desenvolveram essas competências e conseguiram lidar com suas emoções, reduzindo os prejuízos e os impactos ocasionados nos seus projetos de vida são reflexões muito importantes e merecem um olhar especial.

2. Referencial teórico

Durante os acontecimentos absorvidos pela pandemia causada por um vírus que cercou o planeta terra em 2020, denominado Covid-19, o Brasil passou a sofrer uma crise ainda maior na educação e no contexto de aprendizagem, conforme afirma Costin (2020) os jovens passaram a não precisar somente das habilidades básicas, mas também de competências mais amadurecidas para garantir um futuro mais preparado com base em ações empreendedoras.

Costin (2020) ainda nos faz refletir a partir do que aprendemos em tempos de Covid-19, que poderemos avançar, com o auxílio das tecnologias e com o apoio de achados científicos, que seremos capazes de desenvolver nos alunos e professores não só as competências básicas, mas também as exigidas no século 21, assegurando que o país possa promover um crescimento ainda mais inclusivo.

Para Piangers (2020) no passado a escola tratava simplesmente de preparar os alunos para os vestibulares, para que elas pudessem se planejar para uma profissão e trabalhar por décadas com a mesma coisa, lidando assim com os desgastes físicos e emocionais desta escolha. Porém com a transformação imediata que as escolas, gestores, professores e os estudantes tiveram que se adaptar, foi exigido que a modificação do produto educação fosse levado à prática extrema da dedicação de mais tempo, aos contrastes desenhados para um futuro sem pensar, realizando diagnósticos precisos para que esses alunos que são extremamente preparados tivessem o emocional e o psicológico capacitado para enfrentar os desafios emergentes trazidos por essa metamorfose.

De acordo com Carvalho (2020), nas aprendizagens que o Covid-19 nos conduziu, consta como protagonista o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A aceitação das TICs e das tecnologias educacionais encontrou bastante resistência aos docentes e gestores, por ter que se apropriar imediatamente

de recursos ainda que esquecidos, como também pelo alto custo para as escolas no sentido de disponibilizar recursos tecnológicos que deveriam estar atualizados constantemente. A pandemia não permitiu opções, se as práticas de ensino remoto não fossem aprimoradas e implantadas imediatamente às aulas presenciais que foram suspensas, a função das escolas também deixaria de ser determinante.

Costin (2020) corrobora que as soluções tecnológicas que, mais recentemente, foram desenvolvidas para a Educação não vão substituir os professores. Os especialistas têm demonstrado ainda, que existe uma ausência de professores e educadores preparados para realizar um trabalho consistente de preparação dos alunos para um mundo incerto e complexo. O que nos faz acreditar que temos largo campo aberto a criar, a trabalhar é a vasta oportunidade aos profissionais que se destacam em escolas preparadas para esse caminho para essa nova estrutura que a pandemia causou.

Ainda de acordo com Carvalho (2020) estamos passando de fato para um passo de identificar e utilizar as informações extraídas pelos recursos tecnológicos para mapear a aprendizagem dos alunos, embasando as organizações para melhorias dos processos das práticas pedagógicas.

Mini (2020) nos traz que a escola no papel do corpo pedagógico e funcional, tem sido exemplar, mantendo uma relação educacional completa, mesclando aulas síncronas, atividades assíncronas e ainda com alguns pequenos contatos sociais. Essa afirmação legitima o papel da escola e das práticas pedagógicas, reconhecendo assim que as competências e habilidades juntamente com o trabalho desenvolvido dos alunos podem ser comprovados com a utilização das tecnologias emergentes instauradas nas instituições de ensino.

Borba (2020) confirma que a partir da pandemia é preciso olhar para o futuro conectando os ganhos possíveis a partir de novas tecnologias que aprendemos, com a possibilidades de inovação que estavam em pauta até antes mesmo da pandemia.

A aprendizagem colaborativa corresponde uma boa prática entre os alunos, se apoiando e enfrentando os desafios que individualmente poderiam ser um excesso para resolverem sem a colaboração e auxílio do professor. E o contexto pandêmico permitiu trabalhar de forma a introduzir tanto as aprendizagens essenciais quanto a inovações que modificassem as aulas e suas relações. Dib (2020) acredita em uma mudança de cultura na educação pós-pandemia, pois muita coisa que foi implantada

neste período ficará para os próximos anos, tendo um sentido de ressignificação do papel do professor e dos gestores.

Para Agra et al. (2019) a aprendizagem significativa faz parte do processo de superação desse novo olhar para a educação, sendo um processo de ensino-aprendizagem em que coloca o aluno como ser biopsicossocial e participante deste processo, apresentando motivação de aprender, atribuindo novos conceitos, à partir de experiências prévias, alterando assim o seu significado, por meio da organização e integração de uma nova estrutura cognitiva, sendo transferidos para outras situações que vivenciar.

A integração de todos os profissionais envolvidos no processo formativo do estudante é essencial para o sucesso da proposta de trabalhar o socioemocional na formação integral de nossos estudantes. Segundo Salles (2017, p. 118), é preciso “encontrar formas de aproximar, conectar e interligar estes saberes, criando um fluxo que caminhe entre, no meio e além das próprias áreas do conhecimento”.

É extremamente necessário compreender a ligação do trabalho que leva às práticas dos gestores pedagógicos com o conjunto dos pensamentos gerados a partir das teorias da aprendizagem, refletindo sobre um pensamento mais global, único, sem deixar de dar a importância necessária que compõem o todo, seguindo para o processo formativo de um aluno que seja consciente, crítico, competente, compassivo, comprometido e criativo.

Diversas setores, órgãos governamentais, empresas e agências como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), tem empenhado em construir um corpo de conhecimento para solidificação de uma Educação para o século 21, com a identificação, desenvolvimento e avaliação de competências que correspondem com as dimensões cognitivas e socioemocionais, levando ao estudante um aprendizado significativo para sua vida e a sua relação com o mundo.

Para Corrêa (2017) o estudante é um sujeito ativo de seu desenvolvimento cognitivo. Os movimentos gerados confirmam que é necessário transpor esse intervalo e investir em nossos alunos e escolas a alavancagem da aprendizagem, principalmente através das competências socioemocionais.

Barone (2020) aborda que existe lacunas de natureza emocional nos estudantes, que têm sido apontadas como consequência da falta do convívio muito

próximo que é ligado pelas instituições educacionais, navegando pelas bordas do desenvolvimento formativo. As partes das atividades das instituições educacionais é mantida pelo remoto, o espaço para socialização no ambiente educacional permanece relevante. No entanto, vimos que com as mudanças ocorridas em nossas instituições a fim de buscar soluções ao extremo, tanto dos nossos profissionais gestores e educadores, isso foi alcançado com sucesso em várias escolas espalhadas pelo país, gerando assim um aluno com a formação socioemocional sentida na sua amplitude e alavancando assim um processo de formação integral dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em conjunto com a Secretaria de Direitos Humanos define competências em relação a educação como “deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2018, p. 8). Para assegurar o sucesso da implantação das competências é necessário elaborar estratégias e estabelecer quais competências devem ser escolhidas. É fundamental que a escola trabalhe com os alunos competências que incluam aspectos cognitivos e socioemocionais, garantindo assim a formação integral dos alunos (BRASIL, 2018).

Para Facci (2004) os educadores, precisam estar atentos às singularidades do desenvolvimento psíquico nas diferentes etapas evolutivas, para que possam estabelecer estratégias que favoreçam a apropriação do conhecimento científico.

Os alunos que trabalham as competências socioemocionais conseguem se relacionar melhor com os outros e consigo mesmo, compreendendo e transformando suas emoções, conseguindo assim atingir de forma mais eficaz seus objetivos, tomando decisões autônomas e responsáveis, conseguindo enfrentar situações adversas de maneira criativa e construtiva.

Segundo Carvalho (2017) as competências socioemocionais e habilidades do século 21, estão sendo assunto recorrentes nos debates educacionais mobilizando diferentes sistemas de ensino, especialmente no período em que estivermos envolvidos em questões contraditórias ao cumprimento da BNCC.

Para Prado e Amoroso (2015) o aluno que aprende a lidar com as emoções, adiciona valores a sua vida. Na atual proposta do currículo da educação a condição é educar as emoções, tornando assim os estudantes mais conscientes socialmente e também mais equilibrados, sabendo articular suas emoções, trazendo os benefícios

principalmente para a sociedade, com a certeza de que a escola não é simplesmente um espaço para a formação de conhecimentos, mas também e especialmente de convivência, de posicionamento e formação de seres humanos que vive em uma sociedade repleta de desafios.

Prado e Amoroso (2015) ainda afirmam acreditar que saber usar a inteligência socioemocional é uma grande etapa para a evolução do estudante, sabendo que as pessoas pensam de forma diferente, as culturas, etnias, credos se diversificam e são muitos os ritmos, interesses e culturas dentro de uma sala de aula, e é exatamente nesse o espaço utilizado para a aprendizagem que o ser humano se modifica.

Para abordar a formação integral, Klein (2017) define como um procedimento bastante abrangente, envolvendo, integrando, compreendendo e sistematizando o processo educacional como um todo, olhando o estudante a partir de vários ângulos, bem como identificar os elementos que considera importante para fomentar uma educação completa. A integração da formação integral com as competências socioemocionais faz total sentido quando essa união pode promover alunos que tenham a perspectiva da transformação de uma sociedade mais justa e humanitária.

3. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa. Gerhardt e Silveira (2009) explicam que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Para os autores, os pesquisadores que utilizam esse método buscam explicar o porquê das coisas, expressando o que é importante ser feito, sem quantificar os valores, pois os dados analisados são não-métricos e se valem de diferentes abordagens.

Esse relato está descrito a partir da ótica docente, de um professor de Biologia, e da Orientadora de Aprendizagem da Unidade III referente a observações realizadas em cinco turmas da 3ª série do Ensino Médio. Não sendo usado, portanto, qualquer relato discente.

A responsabilidade do Orientador de Aprendizagem é acolher, atender, orientar, acompanhar e garantir o processo de aprendizagem do educando, promovendo um vínculo de confiança, bem como ajudar no discernimento e

amadurecimento do estudante. O orientador de aprendizagem deve sempre buscar caminhos para a formação integral do estudante, mapeando as dificuldades e problemas, dando suporte, negociando e planejando ações preventivas e efetivas a cada um. Esse processo visa ainda qualificar as ações pedagógicas, atuando diretamente com professores e especialistas que acompanham os estudantes em todas as dimensões, consolidando um diálogo constante entre eles, fornecendo técnicas e orientações de estudos de forma permanente e personalizada, para que possibilite ao estudante ser protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem. Além disso, o compromisso de trazer a família para formar uma parceria contínua e mútua é o objetivo para melhorar o desenvolvimento do educando.

Para contemplar e acompanhar os estudantes em suas grandes transições na educação básica, a escola se divide em Unidades, no relato, estamos falando do acompanhamento da Unidade III, esse núcleo abrange desde o 8º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio. A estrutura da Unidade, portanto, está preparada para acolher e acompanhar os estudantes ao longo do ano letivo, zelando para que haja um ambiente de harmonia e paz.

Cada Unidade é administrada por um coordenador, encarregado de acompanhar todo processo de gestão e organização, isso na prática se traduz com uma rotina diretamente relacionada as estratégias pedagógicas que são alinhadas com a Direção Acadêmica, bem como o acompanhamento das demais funções existentes dentro da unidade. A equipe é composta por um Coordenador Adjunto, Orientador Pedagógico, Orientador Espiritual Religioso e Orientadores de Aprendizagem.

A escola é da rede privada de educação e apresenta uma trajetória de 64 anos de história, localizada na cidade de Juiz de Fora/MG, na Zona da Mata Mineira, com área aproximada de 80 mil metros quadrados, e com cerca de 40 mil metros quadrados de Mata Atlântica na região central da cidade.

Pelo relato estar alinhado às propostas estratégicas de melhoria da escola, foi elaborada uma carta de anuência e enviada formalmente para os gestores da escola para autorizarem o desenvolvimento desta pesquisa, que será composta por um relato de experiências sobre o cenário do atual ano letivo.

Nesse contexto, a partir dos dados apontados pelos dois educadores, professor e orientadora de aprendizagem, foram produzidos os apontamentos que constituíram

o presente artigo do atual momento no qual vivemos em meio ao novo normal a pandemia do Covid-19, sendo importante entender os contextos voltados para compreender as limitações e também as estratégias de organização pessoal dos estudantes, apresentamos os relatos que podem ser utilizados para produzir reflexões acerca das condições socioemocionais de jovens diante desse cenário.

4. Relato de experiência à luz do professor de Biologia

O mês de fevereiro e a primeira quinzena de março de 2020 foram cercados de muita expectativa pelos estudantes, pois tinham a incerteza se a doença chegaria ao Brasil. Se questionavam (e me questionavam) se realmente era impactante na saúde pública como os meios de comunicação relatavam e se haveria alguma influência no ano letivo, visto que a 3ª série do Ensino Médio, por si só já é um ano muito atípico para um adolescente de, em média, 17 anos, que escolhe ali uma possível profissão para a vida toda. Haja responsabilidade!

No dia 17 de março houve a suspensão das aulas, sem muita perspectiva futura de retorno, mas todos acreditávamos em uma volta rápida. Os mais pessimistas falavam em um, no máximo, dois meses de afastamento. Entende-se que dessa crença inicial houve um prejuízo imensurável, pois muitos discentes usaram esse tempo como uma forma de descanso e não se mantiveram firmes nos estudos.

Quando os gestores locais e também os de amplitude maior perceberam que haveria duração mais extensa do afastamento, vieram os primeiros testes com plataformas de aula síncrona *online*. Essa condição gerou muita angústia, pois além da incerteza de condições de uso dos professores, a instituição consta com estudantes bolsistas e, aí sim, estava a principal interrogação. Toda essa situação corrobora o exposto por Costin (2020) em relação a essas inconstâncias iniciais.

Nas escolas particulares, a logística tampouco foi simples, afinal, nem todas tinham plataformas digitais e muitas contavam com alunos bolsistas que tinham dificuldades em acessar a Internet fora da escola. Além disso, a perda de renda por parte de muitas delas foi importante, colocando em risco a própria sobrevivência de unidades escolares. (COSTIN, 2020, p. 09).

Acredita-se que muitos alunos já acostumados com o mundo das vídeo aulas, não tiveram grandes problemas, mas nem todos seguiam esse exemplo e, imagino aí,

uma grande inquietude inicial. Segundo Costin (2020) essa condição inicial gerou uma reinvenção das várias faces educativas, ou seja, por parte da escola, docentes, famílias e, principalmente estudantes, sendo os responsáveis obrigados a atuar mais intensamente nessa situação escolar de seus filhos.

Com a adoção, de fato, da plataforma síncrona, houve uma adesão mediana por parte dos estudantes, acredita-se que muito pela crença de não extensão do prazo de afastamento. Nesse momento, a grade de aulas tornou-se reduzida, sendo que as aulas que não se faziam de modo síncrono, ocorriam de modo assíncrono, a partir de postagens em uma segunda plataforma, além disso o tempo ao vivo foi reduzido para 40 minutos (ao invés de 50).

Além de não se acreditar no prolongamento do afastamento das aulas, pode-se considerar a falta de adesão com afinco pelos estudantes pela inexperiência com o novo virtual.

As aulas virtuais têm o pior de todos os mundos: os pais não conseguem trabalhar, os professores não conseguem ensinar, os alunos não conseguem aprender. Todos estão ansiosos, sem saber se estão perdendo agora mais um compromisso virtual, uma live da aula de artes ou uma tarefa que deveria ter sido entregue por e-mail. (PIANGERS, 2020, p. 23).

A percepção do aumento de engajamento, pelo menos pela maioria, ocorreu em meados do mês de junho, onde houve a complementação da grade de aulas e os alunos passaram a ter todas as aulas semanais, mesmo que com 40 minutos, mantendo ainda assim, a postagem assíncrona. Nessa época, pode-se dizer “que a ficha caiu”, ou seja, nesse momento houve a percepção que não seria tão rápido o afastamento, principalmente pelo número de casos e mortes que vinham ocorrendo em nossa cidade, estado, país e mundo.

Os estudantes mais comunicativos perguntavam muito frequentemente, principalmente nas aulas de Biologia, o que os professores achavam e se o afastamento duraria realmente muito tempo. Enfim, as aulas síncronas passaram a ser uma condição para além do conhecimento, ou seja, um momento de contato com o meio externo, em que esses adolescentes colhiam informações e desabafavam sobre assuntos que os angustiavam com pessoas fora de sua bolha familiar. Entende-se que, de forma bastante intensa, neste período, vivemos e construímos habilidades

muito ligadas ao socioemocional, a partir de atitudes e valores para resolução de situações complexas da vida cotidiana. (BRASIL, 2018).

Percebe-se, a partir daí, seguindo concepções sociológicas, filosóficas e biológicas, o quanto o ser humano é um ser social e, para tanto, necessita imensuravelmente do contato social, do contato com o outro. Mediante esse cenário, houve a percepção da importância do desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica expressas na BNCC, principalmente as de número 8 e 9 (BRASIL, 2018).

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Durante todo esse período de aulas síncronas, via plataforma digital, entende-se que os discentes passam por momentos muito diferentes que refletem em comportamentos distintos em aula. Muitos estiveram com sua família toda em casa no início, o que pode ter sido positivo inicialmente, mas pode ter saturado pela mesma bolha sempre, além do medo, quando do retorno das atividades laborais de seus responsáveis; outros podem ter tido os seus responsáveis atuando em serviços essenciais, o que fez com que passassem muito tempo sozinhos em casa, podendo gerar complicações psicológicas; outros, ainda, podem ter passado por problemas familiares, desde a queda de rendimento financeiro e a perda de emprego/empresas a hospitalizações e/ou a perda de familiares/amigos pela doença e, por fim, aqueles que ainda estão com a família em casa o tempo todo, pois os responsáveis podem estar em *home office*. Sem dúvida, essas vivências refletem nas condições de estudo dos mesmos.

Acredita-se que, independentemente da condição familiar, se prevista ou não no parágrafo anterior, é muito difícil presumir os comportamentos consequentes dos adolescentes e, por consequência, entende-se que essas cicatrizes podem perdurar curto prazo, ou ainda em alguns/muitos casos prazo médio, longo ou longuíssimo prazo, sendo ainda imprevisíveis.

O que se pode falar, nesse momento, em especial nessa série que marca o fim da educação básica, e que é um dos momentos mais importantes com a escolha do curso que se quer para a vida profissional, é que essa turbulência tem potencial para consequências no socioemocional ainda maior. Isso acontece principalmente quando contamos com alguns alunos que não estão com o suporte familiar adequado, ou que já tinham situações-problemas pré-pandemia, ou ainda, que as suas condições tecnológicas (computadores, celulares, tablets, internet) não ajudam muito nesse momento remoto, levando à problemas muito maiores do que simplesmente o ser ou não aprovado em uma universidade.

5. Relato de experiência sob a ótica da orientadora de aprendizagem da Unidade III

Com a experiência vivida no ano de 2020, Carvalho (2020) relata que a escola teve que aprender a reorganizar os tempos e os seus espaços, em virtude disso, podemos dizer que a pandemia nos trouxe esse acelerar dos avanços tecnológicos, a dar passos para ampliar os horizontes das escolas quanto a inovar em suas metodologias de ensino e uma nova adaptação dos professores.

Segundo Costin (2020), mesmo com o fechamento de escolas, os avanços da educação em direção ao digital acabaram lentamente se construindo, pegando inicialmente os educadores de surpresa. Assim, novas habilidades foram e estão sendo adquiridas, com uma grande mobilização de formação continuada, para a qualificação do trabalho da comunidade educativa e para a utilização das plataformas digitais de maneira rápida, criativa e efetiva. É importante destacar o apoio da equipe da Tecnologia de Informação (TI) da escola, que trabalha com rapidez e agilidade para que os jovens de nossa escola possam ter acesso as aulas de maneira remota, síncrona e assíncrona, com excelência.

Todas as modificações e ocorrências, fizeram com que a gestão das escolas também alavancasse uma corrida contra o tempo, para se adaptarem, Carvalho (2020) nos traz que: de uma hora para a outra, gestores educacionais tiveram que replanejar rotinas. Hoje adquirimos várias formas de aprender e de ensinar, uma reorganização movida por mudanças na escola e na educação que não deverão deixar de existir nos cenários pós pandemia. Utilizar do novo para crescimento das

aprendizagens, é um cenário propício há inclusão e um maior estímulo ao protagonismo de nossos estudantes.

Quanto aos discentes, podemos relatar a existência de uma maior familiaridade com a tecnologia, uma adaptação rápida ao sistema híbrido e multimodal da escola, porém a construção do novo normal requer atenções, precisamos continuar acompanhando as aprendizagens efetivas, pois sabemos dos desafios que estamos encontrando com o distanciamento social.

A partir do que aprendemos em tempos de COVID-19, poderemos avançar, com apoio de tecnologia e de achados científicos, no desenvolvimento não só de competências básicas, mas também das competências do século 21 nos alunos e mestres, para nos assegurar que o país possa promover um desenvolvimento mais inclusivo. (COSTIN, 2020, p. 10).

Uma mudança de cultura, do presencial para o remoto, adolescentes em casa, distante de voltar às suas rotinas e inserida na prática da orientação de aprendizagem junto aos estudantes da 3ª série do Ensino Médio, apresento meu trabalho que ocorre diretamente com cinco turmas, onde compartilho de um grande esforço de toda equipe para que não ocorra prejuízos nas aprendizagens essenciais e no desenvolvimento de competências a nenhum estudante de nossa escola, particularmente dessa faixa etária, na qual temos um olhar atento, por se tratar de uma importante transição dos jovens: a conclusão da Educação Básica e a busca pelo ingresso no Ensino Superior.

As alterações do ano atípico nos despertaram a cuidar cada vez mais do projeto de vida de nossos alunos, que demonstraram rapidamente inseguranças e incertezas mediante ao cenário pandêmico. Segundo o Parecer no Conselho Nacional de Educação:

O Ensino Médio concebe a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (Parecer CNE/CEB nº 5/2011, p. 12, 13).

Ressalto que a essa função do orientador de aprendizagem, cabe atender às necessidades dos educandos, de modo a estabelecer vínculo de confiança e a ajudar na promoção do amadurecimento. O acompanhamento acadêmico permanente e

personalizado dos estudantes, é vivenciado a uma prática na qual permite mapear dificuldades e problemas, dar suporte, negociar e planejar ações preventivas e efetivas a cada aluno. A proposta pedagógica de nossa escola segundo o seu Projeto Educativo Comum (PEC) está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida (PEC, 2016).

Através das práticas pedagógicas e das teorias de aprendizagem, os educadores e a escola tornam corresponsáveis para construir e gerar o melhor aproveitamento e excelência acadêmica aos estudantes, para que contemplem todas as competências e habilidades, garantindo meios de promover o saber, o aprender a aprender, para que a partir de toda essa linguagem se estabeleça uma formação integral, integrada aos aspectos socioemocionais, que serão carregadas para toda a vida. Segundo Lovlie et al. (apud Biesta, 2013, p.16):

[...]a tarefa e a finalidade da educação não são compreendidas em termos de disciplina, socialização ou treinamento moral, isto é, em termos de inserção e adaptação, mas é focada no cultivo da pessoa humana ou em outras palavras, no cultivo da humanidade do indivíduo

O Ensino Médio é uma etapa que, segundo a BNCC garante aos estudantes serem protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Caracterizando assim um forte trabalho na construção de seu projeto de vida e a garantia de sua aprendizagem integral (BRASIL, 2018).

De acordo com a BNCC na Educação Básica, as aprendizagens essenciais devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências que consolidam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. A visão do ensino e aprendizagem hoje é o compromisso com a educação integral, reconhecendo a importância de se desenvolverem habilidades afetivas (socioemocionais) e intelectuais (cognitivas). (BRASIL, 2018).

Neste sentido, foi intensificado o acompanhamento da orientação de aprendizagem no período de pandemia, e percebemos que poderíamos alinhar melhor as dimensões para a formação integral dos nossos estudantes mesmo de maneira remota, continuando próximos deles e de suas famílias. Voltando ao olhar para a 3ª série do Ensino Médio, ano de conclusão da educação básica, que é marcado por escolhas e despedidas de um grande ciclo e hoje se intensifica os cuidados com as

competências dos estudantes, em especial a socioemocional, por estarmos inseridos no contexto de um novo normal.

A dimensão socioemocional, que está diretamente ligada com a identidade dos nossos estudantes e passa por um processo de autoconhecimento, autoavaliação, autocuidado, a compreensão das emoções e o gerenciamento das mesmas, estimula para que os jovens possam tomar decisões autônomas e seguras. Assim perceber o dever de alinhar um plano de ação para juntos garantir a sua formação integral, a escola em sua dimensão curricular, irá buscar caminhos para diminuir os impactos da pandemia do Covid-19 no dia a dia dos estudantes.

A construção do currículo considera a concepção de mundo, de sociedade, de homem e de pessoa que se deseja formar, assim como contempla aspectos da formação integral que tenham fundamentação de natureza epistemológica, indicando sobre limites e possibilidades do conhecimento e as relações que se estabelecem entre conhecimento, sujeitos e meio; pedagógica, buscando os melhores caminhos e percursos para que a aprendizagem integral aconteça; e psicológica, considerando os diferentes estágios de desenvolvimento do educando e sua capacidade de pôr-se em atividade, em consonância com os desafios inerentes de cada etapa (PEC 31, 2016, p. 43).

Nossos estudantes da 3ª série do Ensino Médio se deparam com o último ano do processo seletivo misto, também conhecido como PISM (Programa de Ingresso Seletivo Misto), que ocorre no final de cada ano do Ensino Médio uma prova, para facilitar a vida do estudante e oferecer um método de ingresso seriado a universidade. O PISM divide o conteúdo do ensino médio em três módulos, aplicados ao final de cada ano letivo, seguindo a etapa de aprendizado a qual o aluno está cursando, somado ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as duas preparações são muito bem apoiadas pela escola e muito esperada pelos alunos.

Todas essas etapas são cuidadosamente trabalhadas e alinhadas juntamente com o estudante, fornecendo todo apoio e discernimento na caminhada. Em particular no ano de 2020, foi avaliado e encontrado nos atendimentos aos estudantes devido a pandemia do Covid-19, sentimentos de ansiedade, medos e emoções frente a incerteza de datas das avaliações externas, somado a saudade do ambiente escolar e do dia a dia com os amigos de classe.

Assim, nos deslocou um olhar para essa juventude e na realização de um trabalho em prol de cuidar da dimensão socioemocional alinhando bem como os

aspectos cognitivos e a formação espiritual religiosa, para que os alunos não deixassem de lado seu projeto de vida, fato esse no qual a escola vem trabalhando ao longo dos anos do Ensino Médio e apresenta um acompanhamento cuidadoso juntamente com a equipe multidisciplinar da escola e conseqüentemente não perdessem o foco nos estudos. Pensamos em unir todo esse processo de atendimento e acompanhamento com os demais setores multidisciplinares do colégio, fortalecendo a promoção de projetos de liderança oferecidos pelo núcleo da formação cristã, bem como momentos de pausa e meditação inaciana, trazer o que acontecia na rotina do presencial, para acontecer também de maneira remota.

Com uma proposta prática, tendo como objetivo educadores que busquem formação integral de homens e mulheres competentes, conscientes, comprometidos e compassivos, conforme o Projeto Educativo Comum (PEC), bem como a visão da BNCC que nos traz que é necessário para além da necessidade da universalização do atendimento, tem-se mostrado que é crucial garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras. A escola que acolhe a juventude deve estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida. Assim, podemos afirmar que encontramos o empenho da escola em ser “uma rede de centros de aprendizagem integral, onde a excelência acadêmica seja fruto da construção coletiva do conhecimento” (PEC, 2016, p. 14; BRASIL, 2018).

A escola se propõe, segundo o PEC (2016) a “responder aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar”. O foco e o empenho estão em trabalhar habilidades e competências, buscando desenvolver nos estudantes as dimensões: cognitiva, socioemocional, socioambiental e espiritual religiosa, dentro de um acompanhamento sistematizado próprio.

Segundo a BNCC:

[...] para o Ensino Médio, em particular a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (BRASIL, 2018, p. 463).

Com o olhar para além das fronteiras do acompanhamento acadêmico em específico da dimensão cognitiva, entendemos que o processo de mapear e ampliar esses horizontes do acompanhamento seria intensificando os atendimentos personalizados de maneira remota via plataforma Teams. A presença dos orientadores de aprendizagem no dia a dia da sala da aula, na observação, na participação de várias atividades trabalhadas, com intervenções positivas em conjunto com os professores, analisando as frequências dos estudantes nas aulas, e o importante *feedback* dessa rotina para as famílias, aproximando a relação família e escola, favorecendo o desenvolvimento das dimensões.

O acompanhamento da equipe da Unidade III , nos traz apontamentos e demandas advindas dos estudantes, ou por assunto em sala de aula, ou até mesmo por uma mensagem enviada no *chat* da plataforma de aulas online. Para atender e acolher, por vídeo chamada, podemos estar mais próximos dos estudantes para a orientação tanto de sua rotina de estudos, quanto olhar para o seu socioemocional com tantas incertezas e dificuldades de adaptação de um novo normal, frente a tomada de decisões para um vestibular no qual não aparecia data ou se quer edital.

Os orientadores de aprendizagem passaram a construir momentos de escuta com as turmas, com encontros para conduzir a gestão do tempo, com ferramentas de organização para apoio a aprendizagem, informações sobre vestibulares e desenvolvimento de uma rotina saudável de estudos, além de convocar a todos para este momento de conversa em grupo, os alunos foram atendidos individualmente acompanhando todas as dimensões da formação integral.

Finalizamos o ano com 100% dos alunos atendidos de forma personalizada, e a escola garantiu dois revisionais aos estudantes com material de maneira a proporcional suporte para as avaliações externas do ENEM e PISM. No ano de 2021, a escola irá oferecer a continuação deste acompanhamento e um novo revisional, que irá contemplar os processos seletivos e as avaliações externas. Os próximos exames acontecem em final de fevereiro e início de março do próximo ano (2021).

6. Considerações finais

O presente relato teve como objetivo analisar os impactos ocasionados pela pandemia do Covid-19 nas aprendizagens e no desenvolvimento da competência socioemocional dos estudantes da 3 série do Ensino Médio em decorrência do isolamento social e as mudanças e adaptações do ano letivo para um modelo híbrido e multimodal.

Observamos que a agilidade da escola, da equipe gestora e dos professores frente pandemia está permitindo que os estudantes concluam seu período escolar, sendo capazes de resolver problemas de modo colaborativo, com pensamento crítico e realizando assim escolhas responsáveis. Dando ênfase ainda mais no trabalho pedagógico que decorre sobre o ensino das disciplinas, acumulando não somente um conhecimento, mas também uma movimentação dos saberes para um entendimento e uma transformação do mundo e de si mesmo.

As tecnologias trouxeram avanços significativos no processo de certificação de dados sobre o que cada aluno aprende, desenvolvendo ainda estratégias mais eficazes de aprendizagem. O protagonismo do aluno diante dos novos desafios da tecnologia fez com que as crianças e jovens superassem os desafios do século 21, desenvolvendo as competências e habilidades para aprender, conviver e trabalhar em um mundo cada vez mais inquieto.

Aqueles professores que foram além das tecnologias oferecidas pelas videoconferências validaram as potencialidades dos alunos, descortinando um campo vasto e promissor de estudantes capazes de se adaptar em uma aprendizagem ainda mais significativa e integral. O desafio de trilhar novos caminhos para construir um ensino engajado em nosso país está entregue nas mãos dos professores, que deverão praticar a qualidade e promover o protagonismo dos alunos em todo o seu processo de aprendizagem.

O tempo e a qualidade das intermediações geradas entre o professor e o aluno são fatores preocupantes para o desenvolvimento socioemocional, bem com a interferência dos orientadores de aprendizagens. As práticas de acompanhamento de professores e alunos oferecendo *feedback* é bem vista para a correção de rumos, estabelecendo novo percurso que leve a melhoria do processo de ensino aprendido, contribuindo para o desenvolvimento das competências dos alunos, e como consequência a sua formação integral.

As avaliações para compreender as competências socioemocionais são uma importante matriz para orientar a equipe pedagógica e os professores, fortalecendo assim o avanço formativo dos estudantes, identificando suas fraquezas e ajustando os problemas detectados.

Referências

AGRA, G.; FORMIGA, N. S.; OLIVEIRA, P. S.; COSTA, M. M. L.; FERNANDES, M. G.M. Análise do conceito de aprendizagem significativa à luz da Teoria de Ausubel. **Rev. Bras. Enferm**, p. 258-265, 2019.

BARONE, P. M. V. B. Três questões para repensar o Brasil. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano**. (tradução de Rosaura Eichenberg). Coleção Educação: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BORBA, G. S. A transformação no ensino superior não está na tecnologia, está nos professores. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Educação (BNCC)**. Ministério da Educação, Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL. **Parecer Conselho Nacional de Educação**. Ministério da Educação, Brasília, CNE/CEB nº 5/2011. Aprovado em: 4/5/2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&Itemid=30192>. Acesso em: 24 de nov. 2020.

CARVALHO, R. S.; SILVA, R. R. D. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em Revista**, n.63, p.173-190, 2017.

CARVALHO, M. T. Desafios da gestão educacional no pós-pandemia. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

CORRÊA, C. R. G. L. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.21, n.3, p.379-386, 2017.

COSTIN, C. Desafios da educação no Brasil após a Covid-2019. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

DIB, C. Aula online: e agora? *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cede, Campinas**, v.24, n.62, p.64-81, 2004.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

KLEIN, L. F. A educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana. *In*: **Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI**, 2017.

MINI, G. Sobre não deixar nenhuma família para trás. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia**: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

PIANGERS, M. Anita vai à escola. *In*: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia**: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020.

PRADO, S.; AMOROSO, S. A inteligência socioemocional e a aprendizagem. *In*: **Anais do ICESP – Promove. Simpósio de TCC e Seminário de IC**. 2015. Disponível em: <http://nipromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/53a5d6af39c3bff921c6a9345a2b7335.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RJE, Rede Jesuíta de Educação. **Projeto Educativo Comum - PEC**. Rede Jesuíta de Educação. Rio de Janeiro: Ed. Edições Loyola, 2016.

SALLES, V.; MATOS, E. A teoria da complexidade de Edgar Morin e o Ensino de Ciência e Tecnologia. **Rev. Bras. Ens. Cien. Technol.**, v.10, n.1, p.1-12, 2017.